

Rachel Toledo

LEANDRO GOMES DE BARROS

O CASAMENTO DO VELHO

E UM DESASTRE NA FESTA

VINGANÇA DE UM FILHO

(CONCLUSÃO)



A' VENDA

Rua do Alecrim N.º 34

RECIFE

*Wimmer*

*Toledo*

*Tram Toledo*

14 Novembro 913-



Rachel Aleixo  
de Barros Lima



Memoria  
Nena Mascilha  
Dombinha Leite

-14 de Novembro 913-





## O CASAMENTO DO VELHO

E UM DESASTRE NA FESTA

O mundo diz uma couza  
 Eu acho que elle diz bem  
 Que quem aos vinte não barba  
 Quem aos quarenta não tem  
 Aos vinte cinco não casa  
 Nem um dos trez obtem.

Outro ditado que é serto  
 Carreira de velho é choto  
 Homem de 70 annos  
 E' engenho de fogo morto  
 Seu barco é um ataúde  
 A sepultura é um porto.

Manoel Lopes dos Anjos  
 Nunca tinha se casado  
 Disia sempre a mulher  
 E' um volume pesado  
 Deus me livre de mulher  
 De medico e advogado.

A mulher n'uma algibeira  
 Chama-se tiro seguro  
 Porque ella entra n'um bolço  
 Que só fogo no munturo  
 Só trinchête em melancia  
 Culher em mamão maduro.

O medico faz do doente  
 Um sitio de plantação  
 A mulher faz traviceiro  
 Da algibeira de um christão  
 O doutor é sangue-suga  
 Do sangue de uma questão

Quatro milhões que possuo  
 Custaram muito a ganhar  
 Uma mulher chega aqui  
 Não tem pena de gastar  
 Diz, isso aqui eu achei.  
 Portanto posso estragar.

Porem dos Anjos um dia  
 Achou quem o dominasse  
 Uns olhos que o atrahisse  
 Umas feições que o chamasse  
 Um fluido que o seduzisse  
 E suas forças quebrasse.

Foi Georgina Aguiar  
 Filha de um velho pintor  
 Aquem podia chamar-se



A capricho do criador  
Enfeite do universo  
O verdadeiro primor.

Setenta e cinco janeiros  
Dos Anjos tinha no couro  
Fóra cinco que mamou  
Quatro que levou-os em chouro  
E dez que vendeu azeite  
Para adquerir o ouro.

Georgina que contava  
Quatoze annos de idade  
Só apaixonava as flores  
As nuvens na imencidade  
Só desejava brinquedos  
E passear sempre a tarde.

O velho tornou-se outro  
Ja parecia outra cousa  
Mandou saber da criança  
Se lhe dava a mão de esposa  
Elle inda disse; papai  
Caça, porem não rapoza.

Disse o pai de Georgina  
Que ella devia a ceitar  
Porque dos Anjos era rico  
Tinha com que a tratar  
— Aquella furtuna delle  
Só ella a podia herdar.

Disse a ella minha filha:  
Você faz sua ventura  
Dos Anjos está de viagem  
D'aqui para a sepultura  
Um homem d'aquella idade  
E' como a fruta madura.

E' signal que vive pouco  
Quem ja tem vivido muito  
Um velho como dos Anjos  
Ja se assigna por defunto  
A sepultura já diz  
Não tarda aquelle presunto.

Dos Anjos veio em pessoa  
Pedir a mão de Georgina  
Então o velho Aguiar  
Deu-lhe com gosto a menina  
Dos Anjos disse comsigo  
Foi ditoza a minha sina

Ha creaturas no mundo  
Que faz o homem pecar  
Domina a vontade alheia  
Sem fazer gesto ou fallar  
Abre-lhe chagas crueis  
Somente com seu olhar.

Então a moça aceitou  
O parecer de seu pae  
Disendo elle está maduro



Com certeza breve cai  
A morte tira-lhe as contas  
E elle não manda, vai.

Elle seguindo viagem  
Eu casarei com um moço  
Quatro milhões em dinheiro  
Tem que roer esse osso,  
A viuva que os tiver  
Logra o nome de coloço.

Casou-se o velho dos Anjos  
Ouve uma festa imponente  
Elle fez um palacête  
Muito caprichosamente  
Sem haver nelle uma cousa  
Que não fosse bem decente

Disia o velho consigo:  
Nada mais pode existir  
O mundo perde a belleza  
Se a caso for conferir  
Com a perola natural  
Que breve hei de possuir.

Ella em orações disia:  
Santo Deus Onipotente  
Vós sabeis meu Pai Eterno  
Eu quanto sou inocente  
A pobresa me faz ser  
Mulher d'aquella serpente.

Dos Anjos tinha o nariz  
Que parecia um martello  
As sobancelhas de porco  
Um grande d'ente amarello  
Não tinha um signal em si  
Que se dissesse esse é bello.

Mas como diz o rifão  
Que quem dinheiro tiver  
Vende a terra compra o céu  
E faz tudo que quiser  
Obtem sem trabalhar  
O mais custoso que houver

Casou-se o velho dos Anjos  
Houve uma festa de raça  
Elle mandou dar esmola  
A todos pobres da praça  
Até cachorro tirou  
A barriga da desgraça.

Antes do velho casar  
Procurou com grande custo  
Um medico que se atrevesse  
Pôr elle moço e robusto  
Achoū um que disse eu ponho  
Pode casar-se sem susto.

Custa trez contos de reis  
Para o senhor obter  
Tome trez dias depois



O cavalheiro ha de vêr  
Cair a cabelleira branca  
E a outra preta nascer.

O velho puchou o coôre  
Disse dotor ahi tem  
Trez contos de réis em ouro  
Se o remedio fizer bem  
Não fica só por trez contos  
Se eu ficar moço dou cem.

Disse o medico você leve  
O remedio e va tomár  
São trez colheres por dia  
Uma antes de almoçar  
Tome outra antes da janta  
Outra antes de ceiar.

Dos Anjos tomou trez dias  
Mas nem abalo sentiu  
Disse lá com seus botões  
O tal medico me illudiu,  
Gastei trez contos de reis  
E de nada me serviu.

Inda tomou trez colheres  
No dia do casamento  
N'essa noite foi que o velho,  
Prescintiu o movimento  
O effeito do remedio  
Teve desenvolvimento.

Sahiram os noivos valçando  
O velho ia tão ancho.  
Disse baixo á Georgina  
Estou com a desgraça no rancho  
O remedio do Dr.  
Fez-me serviço de gancho.

E não acabou a valça  
Principiou-lhe um ataque  
Foi ao quarto mais não teve,  
Tempo de tirar o frak  
O effeito do remedio  
Estava até no cavanhak

O velho exclamava, morro  
E deixo minha tetéa,  
Fui muito enexperiente  
Não me passar na idéa  
Que sempre fui inimigo,  
De reumatismo e diarréa.

O remedio poz-o logo  
Com a cor amarelaça,  
O cabelo inda mais branco  
Porem de cor de fumaça,  
A cousa mais esquesita  
Que viram n'aquelha praça

Ficou dos Anjos prostado  
Com grande dor de barriga  
Não poudé achar um remedio



Que le tirasse a fauiga,  
Falleceu no urinol  
Teve as honras de lumbriga

A viuva no vechame  
Não se lembrou de chorar  
Só lembrou-se do dinheiro  
Que tirou-o e foi guardar  
No outro dia bem cêdo  
Mando-o logo emterrar

Disse a viuva: dos Anjos  
Quiz mesmo facilitar  
Porque rabugem em cachorro  
Ninguem consegue curar  
E sultura em gente velho  
Numca o deichou escapar

Agora note o leitor,  
Que foi que a viuva fez  
Depois da morte do velho  
Inda casou-se com trez.  
Quase que derrotam o rancho  
Com o vicio da embriaguez.

Então Georjina disse  
Eu inda faço figura  
Caso com velho que tenha  
Dinheiro em grande fartura  
Isto é bem entendido  
Se elle soffrer de sultura



## VINGANÇA DE UM FILHO

(CONCLUSÃO)

Quando elle viu Herculano  
Gritou-lhe logo oh! rapaz  
Me livrasses do trabalho  
De hir a Minas-Geraes  
Malunguinho gritou logo  
Seu Culano o que é que faz?

Elle alvejou Herculano  
Com um tiro de espingarda  
Mas a arma se lascou  
Do cano não ficou nada  
E a mão esquerda d'elle  
Ficando desconjuntada.

Malunguinho meteu-lhe o páo  
Que ainda o fez tombar  
Mas elle cravou o negro  
Antes do negro pular  
E não matou Herculano  
Por não poder mais saltar.



Sahiu o dono da casa  
Quando Herculano gritou  
Esse trazia um creado  
Mas chegando elle o matou  
Tanto que o pobre rapaz  
No mesmo instante espirou

Herculano foi a elle  
N'uma colera desgraçada  
Elle tambem investiu-o  
Como uma cobra assanhada  
Das facas sahiam fogo  
Que só fusil de espingarda

Porem chegou Malunguinho  
Que estava com uma melhora  
Deitando-lhe um páo no braço  
Fez saltar a faca fora  
E gritou vamos seu moço  
Malunguinho está bom agora

Herculano alli pegou-o  
Sustentou elle e prendeu  
Disse te entrega bandido  
Porque tu agora és meu  
Até as pedras choravam  
Se vissem o castigo teu

Desse crime de Lisbôa  
Ficou elle descançado  
Porem o crime de Minas

O cerco do dellegado,  
O roubo e morte de um moço  
Mais a morte de um criado.

De Lisbôa elle voltou  
Nos ferros prisioneiro  
O governo lá mandou-o  
Para o Rio de Janeiro  
Do Rio foi requisitado  
Pelo governo Mineiro

Arnaldo o vendo sahir  
Foi para Minas-Gerães  
Disce-lhe pessoalmente  
Fica certo satanaz  
Tu has de pagar a mim  
O que fizestes aos meus pais

Tirou um conto de reis,  
Fez presente ao carcereiro  
Para não deixar dar nada  
Aquelle prisioneiro,  
Tudo que foi de soldado  
Arnaldo deu-lhe dinheiro

Um dia elle viu Arnaldo  
Pelas fendas da parêde  
Disse: por alma d'aquella  
Que possuiu campo verde  
Perdôa a traição que fiz  
Manda matar-me esta sêde



Afinal morreu a féra  
Assombro da humanidade  
Quem deve a Deus paga a Deus  
Isso ou mais cedo ou mais tarde  
Foi profecia de Christo  
N'ella não há falcidade

Elle na hora da morte  
Ainda pode dizer  
Morro desgraçadamente  
Porque não soube viver  
Tive destino que cobra  
Talvez não deseje o ter

Derramei o sangue humano  
Roubei a fazenda alheia  
Hoje miseravelmente  
Venho findar-me na cadeia  
Talvez um cão idrofobico.  
Não tenha morte tão feia.

Com cinco annos de idade,  
Quasi que morro afogado  
Com seis annos por um lobo  
Quasi que sou devorado  
Era bem dita essa féra  
Se me tivesse tragado

Antão, se estais no céo  
Ora por um infeliz,  
Tú e tua espoza peçam

Perdão para o que te fiz  
Ora por um desgraçado  
Que a furtuna não o quiz.

Oh! natureza criaste  
Um com tanta perfeição,  
E outro tão imperfeito  
Como fizeste isso então  
Um ente assim como eu  
Foi feito por prevenção

A trez dias na prizão  
Agua a elle ninguem dava  
Com cinco dias de fome,  
Nem bem o ar respirava  
Chripava o suor do corpo  
E a sede não saciava.

Então Arnaldo lhe disse:  
Acudo-te infeliz sem sorte  
Essa porquem tu me pedes  
Recebeu teu golpe forte  
Curou tua fome em vida,  
Cura-te a sêde na morte.

Um soldado deu-lhe agua  
Elle dous golles bebeu  
Não poudo injerir os trez  
Um grande ataqu lhe deu  
Botou a lingua de fora  
Soltando uivos morreu.



FIM



6081

## AGENTES:

Parahyba (Capital) — Chagas Baptista,  
Irmão

Alagoas Grande — Delfino Costa

Guarabyra — A. Baptista Guedes

Em Rio Branco—Manoel Vianna

Em Manaus—Benjamin Cardozo

Em Caruaru'—João de Barros

Em Pesqueira—José Liberal

Em Pombal (Parahiba)—Camillo X.  
de Farias.

Em Sta Luzia.—Parahyba

Joze Nunes Figuerêdo.

Em nossa biblioteca particular encon-  
tra-se sempre vinte e tantas, qualidades  
de folhetos deste autor.

Remete-se pelo correio mediante a im-  
portancia qualquer quantidade, para qual-  
quer Estado.

O autor reserva o direito de  
propriedade.

(LGB)